

Em São Tomé, o medo da chuva

Encosta não apresenta proteção e ameaça moradores no bucólico bairro de águas calmas da Avenida Suburbana

NIKAS ROCHA

Parte da população de São Tomé de Paripe, bairro com uma orla marítima de clima bucólico e que recebe as mansas águas do mar da Baía de Todos os Santos, reclama que a administração municipal e a Embasa esqueceram da existência da localidade. Pelo menos em três ruas, a Costa e Silva, Jurema e São José, os moradores esperam há mais de três anos obras de contenção de encostas, drenagem, saneamento básico e pavimentação sem que sejam realizadas.

Na Rua São José, o clima de revolta aumentou no início deste mês, quando o funcionário público José Luiz Dias, 37 anos, morreu de leptospirose no Hospital Couto Maia, infectado pela urina de ratos que entraram em sua casa, sempre alagada em períodos de chuvas.

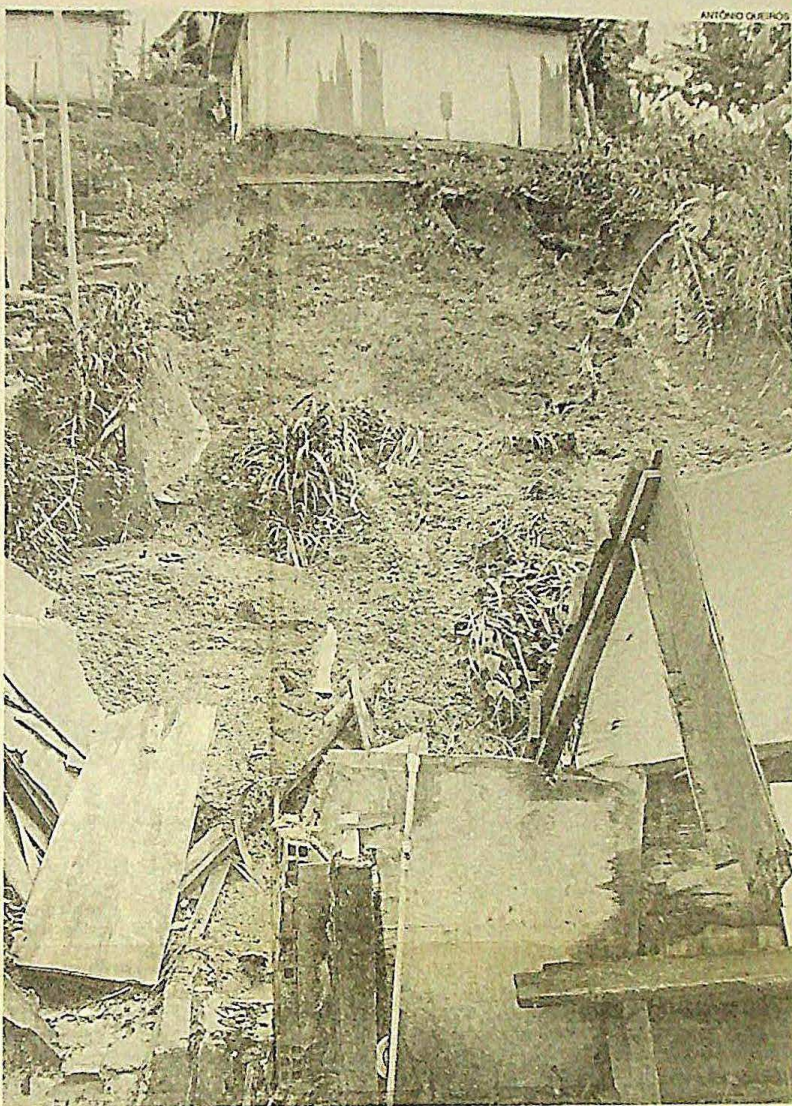
Lá, um riacho transborda em época de chuvas e alaga várias casas. O morador da casa número 3, Samuel Cortes de Mattos, informou que eles fizeram o desvio no riacho com recursos próprios, mesmo assim a água chega até um metro de altura após um aguaceiro. Além disso, reclama que as caixas de esgoto construídas pelo Programa Bahia Azul no seu quintal estão entupidas e estourando. Como resultado tem sempre que trabalhar em sua limpeza para não ficar com as águas fétidas do esgoto sanitário. "Aqui, o Bahia Azul retirou a poluição da praia e jogou na minha casa", reclama. Os moradores pedem a realização de obras de drenagem do riacho e consertos nas caixas de esgotos, "mas não somos atendidos", afirma Samuel.

SITUAÇÃO DE RISCO - Na Rua Costa e Silva, moradores esperam há três anos obras de contenção de encosta, urbanização e drenagem. No local, 20 casas estão sob ameaça de deslizamento de terra. Temem que ocorra um problema mais grave como aconteceu em 2000, quando a terra cedeu e destruiu seis casas, felizmente sem provocar mortes.

Morando na rua com a mãe e irmãos em casas separadas, o metalúrgico Milton Santos Isabel, informou que um engenheiro da prefeitura de nome Sérgio, avisou que a situação da área é "delicada", tanto que quatro casas teriam que ser desocupadas para que as máquinas pudessem trabalhar no local.

A ocupação irregular da terra, acúmulo de lixo e uma terreno tipo "folheiro" que encharca facilmente com as águas das chuvas provocam a situação, segundo o morador. Para agravar o quadro, caixas de esgoto feitas pelo Programa Bahia Azul, por intermédio da empresa MRM, afirmam moradores, começam a estourar e jogar água na encosta.

As obras reivindicadas pelos moradores chegaram a entrar em fase de licitação na Surcap, órgão da Secretaria Municipal de Infra-Estrutura (Semin), em outubro de 2001. Na época, o vereador Wanete Carvalho (PPB) distribuiu uma carta entre eles, com assinatura do secretário Carlos Geraldo Lins Cova, assegurando que o prefeito Antônio Imbassahy incluiu a referida obra na proposta para aplicação dos recursos do Orçamento Geral da União do exercício daquele ano, com um custo estimado em R\$ 803 mil.



Chuvas tiram o sossego da população, que teme o desabamento das casas e a leptospirose

Obra está sendo licitada, diz Semin

A assessoria de Imprensa da Semin confirmou que a obra entrou em fase de licitação, mas não foi feita porque o dinheiro não foi repassado pelo governo federal. "O recurso seria obtido por intermédio de uma emenda da bancada federal ligada ao partido do prefeito para o orçamento de 2002, mas foi retido pelo presidente Fernando Henrique Cardoso e, agora, entrou nos cortes do governo Lula", informou a assessoria.

Acrescentou ainda que o serviço é prioritário por envolver risco de vida dos moradores, mas que não pode ser feito com recursos da prefeitura por ser uma obra de médio a grande porte.

AMEAÇA - Na Rua Jurema, 10 casas construídas sem qualquer planejamento estão sob ameaça de um deslizamento de terra. Em cima de uma delas, a Codesal chegou a colocar uma lona plástica, mas a infiltração da água continua, afirma o morador do número 6-E, o serralheiro Jaime Bispo.

Ele reclama que também existe uma proliferação de ratos na rua, que não recebe a devida atenção do órgão municipal de saúde. "Sem obras de contenção de encosta não teremos sossego", afirma o morador, que mora numa casa entre dois morros ameaçados por deslizamentos de terra.

Matéria sugerida ao **alô**

■ BURACOS

Cidade exhibe o abandono

JAIR MENDONÇA

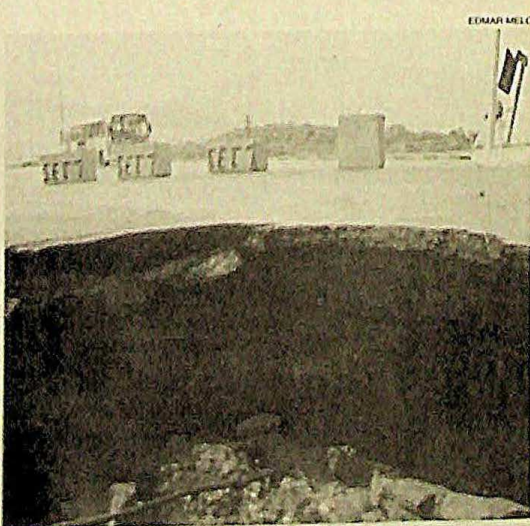
As ruas de Salvador apresentam cenários de total falta de conservação, com buracos que são verdadeiras "crateras" - e não são tapados -, vias públicas sem calçamento, até mesmo algumas avenidas antes bem-cuidadas, como é o caso da Paralela, um dos acessos da cidade.

A falta de atenção das autoridades, inclusive, estimula à iniciativa privada a cometer abusos. A Avenida Paralela é um exemplo do descaso. Os construtores do megaempreendimento residencial de classe média Condomínio Alfapille, acharam de "privatizar" a trilha que havia numa das laterais da avenida, que substitui há muitos anos a calçada.

O desrespeito fez com que a dona-de-casa Ester Galdino Oliveira Sena, moradora de Mussurunga, um populoso bairro que margeia a avenida, resumisse uma observação muito peculiar: "Acredito que a autoridade responsável pela manutenção de Salvador acha que, pelo fato de a Avenida Paralela ser pouco povoada de residências, não precisa ter calçada. Pode?" friso.

De fato, o abrigo de ônibus existente em frente ao Bairro da Paz está com o calçamento totalmente esburacado há muito tempo. Outro indicativo da falta de cuidado para com serviços públicos: a avenida ganhou duas novas faixas, onde estudam diariamente cerca de dois mil alunos por turno, mas não existem sinalizações nem passarelas. Os alunos se jogam na frente dos carros, muitos dos quais trafegam com mais de 100 km horário.

BURACOS - Há cerca de um mês, uma parte do terreno que serve de base para a pista auxiliar da Avenida Paralela, em frente a uma loja de uma rede de supermercados, cedeu. A pista é usada por ônibus urbanos. Até então, a única providência da prefeitura foi isolar a parte da pista que deslindou. A ero-



Cratera, no Centro Administrativo, já faz parte da paisagem

são, no entanto, continua a causar deslizamentos de terra na encosta com quase dez metros de altura.

Também no acesso ao Centro Administrativo, um buraco causou a interdição de meia-pista. Apenas uma placa anuncia a execução de obras de "recuperação" - não tinha trabalhadores na área, ontem. A mesma coisa acontece na Avenida Gal Costa, onde a chuva causou grandes estragos, há mais de um mês, e em dias locais a pista cedeu e a erosão a cada dia que passa destrói um pedaço da pista.

Buracos causados pelas chuvas não faltam na cidade. Na Estrada da Base Naval, muito movimentada, os buracos tornaram o tráfego mais perigoso. Na Rua Arthur de Azevedo Machado, bairro de Costa Azul, as "crateras" já provocaram vários acidentes de trânsito.

A situação em bairros mais distantes do Centro é pior. Na Rua Régis Pacheco, no Uruguai, além de buracos na pista, várias placas da calçada que cobrem um canal fundo estão arrancadas. "Já vi gente cair nos buracos", disse, revoltado, o mecânico Juraci Oliveira.

Na Estrada de Mata Escura, onde o barro batido e o mato são o calçamento, a pista de tráfego está tomada por buracos. "Dificil andar em lugar que não tem buracos", disse o vendedor Ezequias Lopes, cujo carro furou dois pneus ao trafegar na Rua Teixeira de Barros, em Brotas. Os buracos na rua são "escondidos" por água e a terra que cobre muitas covas no cemitério municipal.

CURTAS

Desabamentos deixam desabrigados

As chuvas que caíram ontem em Salvador deixaram três famílias desabrigadas. Os desabamentos ocorreram na Rua Nilo Peçanha, na Calçada, na Avenida Benjamin, São Caetano, e na Rua Luís Braga, em Campinas de Pirajá. Ninguém saiu ferido. A Codesal registrou 26 deslizamentos de terra.